

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 4

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 4

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 4 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-868-7 DOI 10.22533/at.ed.687192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, **neste Volume 4** trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

No **Volume 1**, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

O **Volume 2**, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

O **Volume 3**, são 18 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

FORMAÇÃO CONTINUADA

CAPÍTULO 1	1
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DISCURSOS E REFLEXÕES INICIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Sebastiani Stamm Hirsh Brambilla Jislaine da Luz Sílvia Cândida de Oliveira Dill	
DOI 10.22533/at.ed.6871923121	
CAPÍTULO 2	14
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS EM SANTANA DO IPANEMA: EXPERIÊNCIAS EM FOCO	
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva Lanielle Ramos da Silva Maciane Rodrigues Feitosa Miriane Rodrigues Feitosa Rayane Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.6871923122	
CAPÍTULO 3	24
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: AS “EVIDÊNCIAS” DA GLOBALIZAÇÃO EM DOCUMENTOS DO BANCO MUNDIAL	
Julio Antonio Moreto	
DOI 10.22533/at.ed.6871923123	
CAPÍTULO 4	39
O OLHAR DOS FORMADORES A PARTIR DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA	
Waléria de Jesus Barbosa Soares Carlos André Bogéa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6871923124	
CAPÍTULO 5	49
POSSIBILIDADES E LIMITES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA <i>ONLINE</i> DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA	
Wilson Teixeira da Silva Daise Lago Pereira Souto	
DOI 10.22533/at.ed.6871923125	
CAPÍTULO 6	60
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL E O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: ESPAÇOS, TEMPOS E SABERES	
Everaldo Dias Matteus	
DOI 10.22533/at.ed.6871923126	

FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

CAPÍTULO 7	70
A ESCOLA ATUAL E A RESPONSABILIDADE DA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO E SOCIAL	
Eber Silva Ostemberg	
DOI 10.22533/at.ed.6871923127	
CAPÍTULO 8	81
50 ANOS DE MOBRL EM SANTOS: A EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE O GOVERNO MILITAR	
Thalita Di Bella Costa Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.6871923128	
CAPÍTULO 9	95
A AUTONOMIA COMO ESTRATÉGIA PARA A APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	
Max Augusto Franco Pereira	
Henrique Nou Schneider	
DOI 10.22533/at.ed.6871923129	
CAPÍTULO 10	108
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE	
Dagmar Braga de Oliveira	
José Elyton Batista dos Santos	
Manoel Messias Santos Alves	
Bruno Meneses Rodrigues	
Willian Lima Santos	
DOI 10.22533/at.ed.68719231210	
CAPÍTULO 11	115
ENTRE O POPULAR E O FORMAL: DESAFIOS DO PROJETO TECENDO A CIDADANIA NO CAMPO - PRONERA EJA	
Cláudia Valéria de Assis Dansa	
Joice Marielle da Costa Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.68719231211	
CAPÍTULO 12	129
OS DIREITOS HUMANOS COMO ELEMENTO TRANSDISCIPLINAR DOS CURRÍCULOS JURÍDICOS: A BUSCA DE UMA FORMAÇÃO VOLTADA À CIDADANIA	
Lana Lisiêr de Lima Palmeira	
DOI 10.22533/at.ed.68719231212	
CAPÍTULO 13	135
QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO FORMAÇÃO HUMANA E A SUPERVISÃO EDUCACIONAL: UM PENSAR E UM FAZER EM CONSTRUÇÃO	
Sandra Cristina Tomaz	
Margarida Montejano da Silva	
Charles Durães Leite	
DOI 10.22533/at.ed.68719231213	

FORMAÇÃO DOCENTE

- CAPÍTULO 14** 147
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA UFPI: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO CURRÍCULO VIGENTE E DO ANO 2000
Antonia Dalva França de Carvalho
Lya Raquel Oliveira dos Santos
DOI 10.22533/at.ed.68719231214
- CAPÍTULO 15** 158
ANÁLISE DOS ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DE DOCUMENTÁRIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ÊNFASE NA PROBLEMATIZAÇÃO
Tatiane da Silva Santos
Joanna Angélica Melo de Andrade
Divanizia do Nascimento Souza
DOI 10.22533/at.ed.68719231215
- CAPÍTULO 16** 170
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA E FORMATIVA
Anaína Souza Santana
Maria Aparecida Antunes Moreira
DOI 10.22533/at.ed.68719231216
- CAPÍTULO 17** 181
INTEGRANDO TIC E PRÁTICAS DE PESQUISA – ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA WEBQUEST NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Melise Peruchini
Karla Marques da Rocha
DOI 10.22533/at.ed.68719231217
- CAPÍTULO 18** 194
MOVIMENTO DE RECONFIGURAÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE DE FORMADORES NA ACIDES E OS SABERES MOBILIZADOS NO ENSINO POLICIAL MILITAR: LIMITES E POSSIBILIDADES
Benôni Cavalcanti Pereira
Kátia Maria da Cruz Ramos
Ivanildo Cesar Torres de Medeiros
DOI 10.22533/at.ed.68719231218
- CAPÍTULO 19** 208
O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA SEGUNDO A TEORIA DA EVOLUÇÃO DE DARWIN: FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vanessa Minuzzi Bidinoto
Maria Guiomar Carneiro Tommasiello
DOI 10.22533/at.ed.68719231219
- CAPÍTULO 20** 219
O POSICIONAMENTO DOS ACADÊMICOS ACERCA DA FRAGMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO NO CEFD/UFMS E AS POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO AMPLIADA
Adelina Lorensi Prietto
Gabriel Vielmo Gomes
Gilmar Belitz Pereira Junior

Gislei José Scapin
Maristela da Silva Souza
DOI 10.22533/at.ed.68719231220

CAPÍTULO 21 230

PRÁTICA ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Lucinara Bastiani Corrêa
Juliana Mezzomo Cantarelli
Michele Moraes Lopes

DOI 10.22533/at.ed.68719231221

LEITURA E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 22 239

O TEMPO VOA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NA PRODUÇÃO DE UMA RADIONOVELA

Luiza Rorato de Oliveira
Caroline Valente Comassetto
Rosana Cabral Zucolo

DOI 10.22533/at.ed.68719231222

CAPÍTULO 23 248

LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA: REFLETINDO SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA

Marina Mercado Soares Gaúna
Karla Ferreira Costa

DOI 10.22533/at.ed.68719231223

CAPÍTULO 24 263

EDUCOMUNICAÇÃO: UM PROJETO DE INSERÇÃO SOCIAL NA ESCOLA DESEMBARGADOR MILTON ARMANDO POMPEU DE BARROS EM COLÍDER – MATO GROSSO

Leandro José do Nascimento
Adriano Eulálio Araújo
Maria José Basso Marques
Regina Uemoto Maciel Martins

DOI 10.22533/at.ed.68719231224

CAPÍTULO 25 273

AS ATRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM SOB A EFETIVAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Sandra Andrea Souza Rodrigues
Suely Cristina Silva Souza
Cosme dos Santos Montalvão

DOI 10.22533/at.ed.68719231225

CAPÍTULO 26 284

A LEITURA DE LEITE NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Simone de Souza Silva
Márcia da Silva Lima Luna

DOI 10.22533/at.ed.68719231226

CAPÍTULO 27	295
BOLIN (BOLETIM LINGUÍSTICO E LITERÁRIO): UM JORNAL ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL DO SUDESTE DE MINAS GERAIS – CAMPUS RIO POMBA DESENVOLVIDO EM 2014	
Josimar Gonçalves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.68719231227	
CAPÍTULO 28	307
MEMÓRIAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE	
Maurecilde Lemes da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.68719231228	
CAPÍTULO 29	320
O USO DA LINGUAGEM LOGO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Jefferson Felipe Albuquerque Cavalcante	
Vanio Fragoso de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.68719231229	
SOBRE O ORGANIZADOR	327
ÍNDICE REMISSIVO	328

O OLHAR DOS FORMADORES A PARTIR DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA

Data de aceite: 09/12/2018

Waléria de Jesus Barbosa Soares

walleria_soares@hotmail.com

Universidade Estadual de Campinas

Carlos André Bogéa Pereira

andre.boega@hotmail.com

Universidade São Francisco

RESUMO: A Rede Municipal de Educação de São Luís ofereceu formações continuadas, durante os anos de 2007 e 2009, aos professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, com a finalidade de desmistificar as teorias, métodos e metodologias que envolviam as avaliações em larga escala, como a Prova Brasil, ao mesmo tempo em que aconteciam formações para a escrita e implementação da Primeira Proposta Curricular da Rede em questão, que passava a trabalhar com os ciclos de aprendizagem, em substituição à seriação. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar o nosso relato de experiência, enquanto formadores de professores que ensinam matemática, dentro desses espaços constituídos como Formações Continuadas. Na escrita e análise de nossas narrativas, estaremos embasados em Demo(2002), Esteban(1999),

Hoffmann(2005) e Luckesi(2005), principais aportes que sustentaram o processo formativo sobre avaliação de aprendizagem, aqui apresentado. Sob nosso olhar, atestamos que, o conhecimento adquirido e colocado em prática pelos professores durante as formações continuadas foram fatores relevantes que contribuíram para a consolidação de um espaço de debate sobre concepções e práticas avaliativas, além de contribuírem para a melhoria do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), no período investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada; Avaliação; Matemática.

O OLHAR DOS FORMADORES A PARTIR DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA

ABSTRACT: The São Luís Municipal Education Network offered continuing education, during 2007 and 2009, to the teachers of the initial and final years of elementary school, in order to demystify the theories, methods and methodologies that involved the large-scale evaluations, such as Prova Brasil, at the same time as training was in place for the writing and implementation of the First Curriculum Proposal of the Network in question, which started to

work with the learning cycles, replacing the series. In this context, the aim of this paper is to present our experience report, as teacher trainers that teach mathematics, within these spaces constituted as Continuing Formations. In the writing and analysis of our narratives, we will be based on Demo (2002), Esteban (1999), Hoffmann (2005) and Luckesi (2005), the main contributions that supported the learning assessment training process presented here. In our view, we attest that, the knowledge acquired and put into practice by teachers during the continuing training were relevant factors that contributed to the consolidation of a space for debate on evaluative conceptions and practices, as well as contributing to the improvement of the IDEB (Education Index. Development of Basic Education), during the period investigated.

KEYWORDS: Continuing Education; Evaluation; Mathematics.

1 | INTRODUÇÃO

Em 2005, os resultados do IDEB do Estado do Maranhão foram preocupantes: em uma escala que vai de 0 a 10, atingimos apenas 2,9. Para o cálculo deste índice, lembramos que foram utilizados os resultados da Prova Brasil.

Mas o que é a Prova Brasil? O que avaliam os seus testes? Como são elaborados? Essa prova, prova algo? A sua metodologia pode ajudar na elaboração de outros instrumentos avaliativos? Os professores da Rede Municipal de Educação de São Luís, em sua grande maioria, questionavam essa avaliação, pois desconheciam suas teorias, métodos e metodologias, e assim, seus principais pré(conceitos) surgiam.

Pensando nessas interrogações e nesses pré(conceitos), e por acreditar que a melhor forma de conhecer estas avaliações seria desmistificando-as, deu-se início na Rede em questão, a um processo de estudo e compartilhamento de informações, a partir de formações continuadas sobre as avaliações de aprendizagem em larga escala que aconteciam no Brasil.

Neste texto, apresentamos como se deu esse processo formativo entre os anos de 2007 e 2009, a partir da nossa experiência, enquanto formadores de professores que ensinam matemática. Destacamos que as reflexões sobre avaliação de aprendizagem durante os encontros formativos, levou em consideração a organização dos ciclos de aprendizagem, recém implantados na época, nesta Rede, assim como os referenciais do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

2 | NÓS, OS FORMADORES DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA E A ORGANIZAÇÃO DAS FORMAÇÕES

Enquanto parte integrante da Equipe de Currículo e Avaliação da Rede

Municipal de Educação de São Luís, nós, os formadores de professores que ensinam matemática, participamos de uma formação sobre elaboração de itens, oferecida em nossa cidade (São Luís), pelo Ministério de Educação (MEC) através do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), no ano de 2005. Cabe ressaltar que esta formação é sempre oferecida nas capitais brasileiras, e tem o intuito de que os educadores participantes sejam multiplicadores das informações.

Neste sentido, como a Secretaria Municipal de Educação de São Luís entendia que era necessário socializar as informações referentes a esta avaliação, tanto no que diz respeito aos resultados alcançados pela rede, quanto no que se refere à concepção de avaliação adotada pela macro política do MEC, foi planejada uma formação continuada sobre avaliação de aprendizagem.

A formação tomou como base o que constava na LDB nº 9394/96, quando dizia que “os sistemas de ensino deverão promover a valorização dos profissionais da educação assegurando-lhes aperfeiçoamento profissional continuado e período reservado a estudos [...]” (BRASIL, LDB nº 9394/96). Logo, nós como formadores, seríamos os responsáveis diretos pelas formações(aqui nos referimos à de matemática), devendo deixar os professores participantes a par de todo o processo formativo que passamos, e assim, fomos construindo a nossa própria formação.

A formação aconteceu sobre três âmbitos: encontros semestrais com os gestores escolares; encontros bimestrais com os coordenadores pedagógicos; e, encontros mensais com os professores. Para este texto enfatizaremos o trabalho com os professores.

Aos professores, a formação foi oferecida durante a semana, em turno oposto ao do seu trabalho. Mas, para aqueles que não podiam frequentar durante a semana, foram oferecidas formações aos sábados pela manhã. Lembramos ainda, que ao final de cada ano aconteceram os seminários finais com todos os educadores participantes das formações, momento em que havia apresentação dos trabalhos desenvolvidos durante o ano.

3 | PONTO DE PARTIDA: CONHECER A PROVA BRASIL PARA ENTENDER OS NOSSOS RESULTADOS

Para entender os resultados obtidos pela Rede Municipal de São Luís foi necessário compreender a Prova Brasil. E, justamente por comungarmos com Hoffmann (2005, p. 26), quando diz que o olhar avaliativo é “[...] por natureza complexo e multidimensional”, que discutimos com os professores todas as informações pertinentes.

Foi reforçado entre os professores que os alunos das redes públicas de ensino de todo o Brasil seriam avaliados a cada dois anos. O objetivo, como ressaltava o MEC, seria impulsionar a melhoria na qualidade do ensino e da aprendizagem oferecidos às crianças, adolescentes e jovens brasileiros.

Portanto, se os alunos da nossa Rede, de qualquer forma passariam por estas avaliações, seria necessário refletirmos que “um educador, que se preocupe com que sua prática educacional esteja voltada para a transformação não poderá agir inconsciente e irrefletidamente” (LUCKESI, 2005, p.46). Então, conhecer a Prova Brasil se fazia necessário para a melhoria da prática dos professores.

Passamos a discutir as contribuições de uma prova para o processo de ensino/aprendizagem, e tomamos Melão Jr (2005), que nos dizia que,

Graças às provas é possível obter preciosas informações sobre a estrutura cognitiva e epistemológica das pessoas examinadas, e assim oferecer aos alunos e aos seus respectivos professores toda a orientação necessária para o melhor aproveitamento e desenvolvimento de suas potencialidades, reforçando os pontos fracos e cultivando os pontos fortes. (MELÃO JR, 2005, p.1).

Logo, refletimos que a Prova Brasil foi idealizada para produzir informações sobre o ensino oferecido por município e escola, individualmente, com o objetivo de auxiliar os governantes nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros, assim como a comunidade escolar no estabelecimento de metas e implantação de ações pedagógicas e administrativas, visando à melhoria da qualidade do ensino.

Precisou-se destacar aos professores, a organização da Prova Brasil, que:

- Avalia alunos de 4ª e 8ª séries (5º e 9º anos) do Ensino Fundamental.
- Avalia alunos da rede pública de escolas localizadas nas áreas urbana e rural (a área rural passou a realizar a prova a partir de 2009).
- Como resultado, fornece as médias de desempenho para o Brasil, regiões e unidades da Federação, para cada um dos municípios e escolas participantes.

Os professores passaram a conhecer também as matrizes de referência dos componentes curriculares a serem avaliados: Língua Portuguesa e Matemática. E entenderam que as matrizes de referência não poderiam ser confundidas com as matrizes curriculares, pois não englobavam todo o currículo escolar.

A discussão foi ampliada com a relação entre componentes curriculares e suas subdivisões em tópicos ou temas, e estes, em descritores. Os professores compreenderam que cada descritor se refere a uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidas pelos alunos que traduzem certas competências e habilidades. É através deles que são elaborados os itens da Prova Brasil.

Com relação à matriz de referência de Matemática, o nosso foco formativo se

voltou para a sua estrutura. Discutimos com os professores, os seguintes temas: Espaço e forma; Grandezas e Medidas; Números e Operações; e, Tratamento da Informação.

A nossa reflexão considerou ainda, que para a construção da matriz de referência de Matemática, foram tomados como base os Parâmetros Curriculares Nacionais, as propostas curriculares dos estados brasileiros e de alguns municípios, sintetizando o que havia de comum entre eles.

Então, a Proposta Curricular de Matemática da Rede Municipal de Educação de São Luís, que na época estava em fase de escrita e implementação, não poderia ser deixada de fora de nossas discussões. Ao mesmo tempo em que discutimos os descritores da Prova Brasil, discutimos também, os critérios de avaliação a partir das expectativas de aprendizagem para as capacidades construídas em nossa Proposta Curricular.

4 | O PAPEL DOS PROFESSORES NO PROCESSO FORMATIVO

A participação dos professores é de fundamental importância para a construção e consolidação de um processo educativo que esteja voltado, acima de tudo, para a formação de crianças, adolescentes e jovens enquanto cidadãos críticos e conhecedores da realidade em que vivem.

Durante as formações, cultivamos em nossas reflexões que as certezas e as incertezas necessitavam ser discutidas em conjunto, isto porque, entendeu-se que “a avaliação, por sua vez, tem que ser reflexiva e articuladora de vários determinantes, com o objetivo de apontar novos rumos e encaminhamentos no processo ensino-aprendizagem” (BASTOS, 2015, p.91).

Sendo assim, o trabalho de formação com os professores refletiu aspectos relacionados com as suas próprias práticas, que seguiram de acordo com os objetivos das formações:

- Refletir sobre concepções e práticas avaliativas utilizadas pelos professores em seu cotidiano escolar;
- Conhecer a sistemática de avaliação da Prova Brasil;
- Conhecer os resultados da Prova Brasil no Maranhão, em especial, em São Luís;
- Elaborar instrumentos avaliativos de Matemática e aplicá-los;
- Discutir os resultados alcançados e propor alternativas de novas metodologias para superar os erros;
- Por em práticas as novas metodologias para ver se surtiram efeitos;

- Refletir sobre todo o processo, em grupo.

Estes dois últimos objetivos só fizeram sentido porque tanto nós formadores quanto os professores acreditávamos que o intuito de uma avaliação escolar era buscar caminhos para a melhoria da aprendizagem (HOFFMANN, 2005). Logo, os resultados obtidos em uma avaliação deveriam ser refletidos pelos professores na medida em que novas práticas fossem repensadas para o ensino e o papel da escola fosse colaborar com a formação do cidadão pela mediação do conhecimento (VASCONCELLOS, 2005).

Assim, os professores compreenderam que o principal objetivo da formação não era um estudo exaustivo dos itens elaborados e aplicados na Prova Brasil de Matemática, sem analisar sua aplicabilidade e importância para o aprendizado dos alunos. Buscamos sim, discutir como um instrumento avaliativo poderia contribuir no processo de ensino aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o próprio professor, no sentido de que “avaliar é interrogar e interrogar-se” (ESTEBAN, 1999, p. 22).

Estes conhecimentos ajudaram a evitar os erros mais comuns, habituando os professores à construção de melhores avaliações, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto às propriedades pedagógicas e à correta interpretação de resultados. Além disso, houve o direcionamento de como solucionar uma vasta gama de problemas pedagógicos, substituindo os tradicionais “achismos” por procedimentos comprovadamente apropriados e eficientes.

5 | RESULTADOS DA FORMAÇÃO

Durante a realização dos encontros formativos sobre a avaliação de aprendizagem, nós, os formadores, relacionamos alguns aspectos que foram sendo construídos e consolidados e que merecem destaque, tendo em vista o alcance dos objetivos da formação, dentre os quais estão:

- A adoção de critérios avaliativos coerentes e precisos, levando em consideração o conteúdo trabalhado e a elaboração do enunciado;
- A elaboração de atividades avaliativas bem organizadas e construídas;
- A consolidação de um espaço de debate sobre concepções e práticas avaliativas;
- O desenvolvimento de atividades mais proveitosas e que visavam uma maior eficácia na aprendizagem ao trabalhar com o erro dos alunos;
- A consolidação de um processo de debate sobre a resolução de problemas matemáticos como habilidades essenciais à convivência em sociedade e que necessitavam ser desenvolvidas no ambiente escolar.

Alguns desses momentos foram registrados:



Figura 1: Professores em momento de estudo sobre as teorias avaliativas

Fonte: Arquivo pessoal dos formadores



Figura 2: Professores elaborando instrumentos avaliativos durante as formações

Fonte: Arquivo pessoal dos formadores



Figura 3: Professores discutindo sobre as atividades aplicadas em sala de aula

Fonte: Arquivo pessoal dos formadores



Figura 4: Professores apresentando sugestão de novas metodologias a partir dos resultados das atividades

Fonte: Arquivo pessoal dos formadores

O que buscamos foi entender a avaliação como instrumento de compreensão da aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que pudéssemos avançar no processo educacional. Isto porque, entendemos que,

Avaliamos, entre outras coisas, para saber da distância entre o lugar que ocupa no momento o aluno e o lugar onde imaginamos que deveria estar. Pretendemos descobrir os motivos por que não aprende e gostaríamos que, sabendo disso, pudesse recuperar a posição onde deveria estar (DEMO, 2002, p.18).

Desta forma, observamos que a nossa Rede avançou com relação à sistemática de avaliação, mesmo sabendo que nossos índices estão longe da meta esperada a nível nacional. Os nossos resultados referentes à Prova Brasil de Matemática só cresceram e o nosso IDEB que em 2005 era 2,9, passou em 2007 para 3,5, e em 2009 para 4,1, superando a meta de 2011 que era 3,3.

6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FORMAÇÕES

Temos ciência de que os resultados do IDEB não refletem apenas o trabalho que envolveu as formações sobre avaliação de aprendizagem, porém acreditamos na sua grande contribuição. E ainda, acreditamos que a partir de nossas reflexões nas formações, todos entenderam que, “a avaliação não deve ser entendida como uma atividade mecânica e alienada, uma vez que o sentido da práxis avaliativa é, sobretudo, atribuir poder de decisão sobre as ações dos sujeitos envolvidos, agir para conhecer e conhecer para transformar a realidade social” (BASTOS, 2015, p.43).

Entendemos que a avaliação não deve ser somente o momento da realização das provas e testes, mas um processo contínuo e que ocorre dia após dia, visando

a correção de erros e encaminhando o aluno para aquisição dos objetivos previstos. E também, entendemos que a avaliação funciona como um elemento de integração e motivação para o processo de ensino-aprendizagem, logo é um processo atualmente entendido não só como o resultado dos testes e provas, mas também os resultados de todas as atividades que os alunos realizam.

Sabemos que o processo de formação continuada de docentes como todo processo educativo ainda encontra certa resistência. No entanto, representa o rompimento com práticas autoritárias, principalmente no que se refere à sistemática de avaliação, o que contribui significativamente para o redimensionamento do ensino, tendo como base a consolidação de um trabalho coletivo que reflete diretamente na aprendizagem dos alunos.

Logo, percebemos que as formações ajudaram os professores em suas práticas de sala de aula, nas suas ações pedagógicas, extrapolando as barreiras da simples prova de múltipla escolha, que servia de encadeamento para tomadas de decisões. E nesse ponto, não podemos deixar de citar Zabala (1998, p. 15) quando diz que a cada dia se “torna mais necessário que nós, professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece em aula”.

E nesse sentido, acreditamos que, o conhecimento e o diálogo são pontos primordiais na discussão para a desmistificação da avaliação de aprendizagem. Portanto, concluímos que, considerando todas as questões abordadas e o caráter formativo que o processo de avaliação possui, caminhamos para consolidar o trabalho coletivo que refletiu diretamente no trabalho docente e na aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, S. M. M. **Avaliação da aprendizagem**: entre concepções e práticas. São Luís, MA: Expressa, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

DEMO, P. **Mitologias da Avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. São Paulo: Saraiva, 2002.

ESTEBAN, M. T. (Org.). **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOFFMANN, J. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELÃO Jr, H. **A importância das provas no processo educacional**. Extraído de: <www.milpalavras.com.br/destaque.php?codigo=57>. Acesso em: 20 jun. 2016.

VASCONCELLOS, C. **Avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2005.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem Colaborativa 95

Autonomia 10, 22, 61, 69, 75, 85, 86, 95, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 111, 112, 143, 144, 156, 166, 167, 173, 176, 180, 183, 191, 192, 198, 233, 265, 285, 287, 305, 311

Avaliação 35, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 56, 57, 58, 74, 102, 104, 105, 136, 139, 143, 144, 145, 146, 149, 154, 160, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 187, 192, 271, 327

B

Banco Mundial 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

C

Cefapro 1, 2, 7, 12, 49

Contemporaneidade 20, 68, 104, 108, 109, 111, 114, 264

Currículo 11, 14, 15, 40, 42, 62, 68, 70, 75, 76, 77, 79, 80, 124, 136, 144, 145, 147, 151, 153, 155, 157, 167, 190, 223, 225, 226, 229, 300

Currículo escolar 14, 42, 62, 167, 190, 223

Currículo questionador 70

D

Documentários 158, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 266, 272

E

EaD Online 49, 50

Educação Física 72, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Educação Inclusiva 230, 231, 232

Educação Integral 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69

Ensino de Ciências e Biologia 208

Ensino de matemática 49

Evolução Biológica 208, 211, 212, 213, 215, 216, 218

F

Formação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 70, 74, 75, 78, 79, 82, 90, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 122, 123, 125, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 172, 181, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 245, 246, 249, 250, 261, 263, 264, 272, 276, 279, 282, 284, 285, 286, 287,

290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 304, 307, 308, 310, 311, 312, 317, 318, 319, 325, 327

Formação Continuada 1, 3, 4, 5, 6, 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 41, 47, 49, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 67, 99, 145, 191, 192, 290

Formação Continuada de Professores 1, 4, 6, 14, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 53, 57, 58, 191, 192, 290

Formação de professores 14, 18, 22, 30, 31, 32, 33, 36, 50, 55, 57, 59, 148, 149, 151, 155, 156, 157, 169, 181, 182, 185, 191, 208, 218, 221, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 261, 282, 318, 327

Formação docente 7, 31, 63, 66, 148, 158, 159, 160, 162, 165, 168, 201, 307

Formação do professor de Matemática 147

Formação humana 4, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 183, 223, 225, 226, 227, 229, 292

G

Globalização 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 36, 38, 168, 222, 250, 261

H

Histórico da educação 70, 163

I

Inovação Pedagógica 12, 95, 97, 98, 100, 102, 104, 105

Interdisciplinaridade 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 198, 276

L

Licenciatura 14, 20, 21, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 232, 234, 327

M

Matemática 16, 23, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 55, 56, 58, 59, 108, 123, 137, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 167, 254, 321, 322, 325, 326

Metodologias educacionais 70

P

Papel do educador 70, 75

Planejamento 1, 2, 3, 9, 13, 34, 36, 50, 55, 57, 97, 99, 100, 104, 143, 168, 185, 187, 189, 190, 203, 204, 275, 284, 288, 289, 325, 327

Políticas públicas em educação 14

PPC 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Prática enquanto componente curricular 230

Práticas avaliativas 39, 43, 44, 170, 171, 174, 176, 177, 179

Práticas de pesquisa 181, 182, 186, 191, 193

Problematização 10, 52, 66, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 192, 255
Programa Mais Educação 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69

Q

Qualidade social da educação 135, 139, 140, 143, 145

R

Reflexão 4, 5, 6, 15, 17, 18, 19, 21, 43, 52, 65, 75, 77, 78, 108, 109, 111, 114, 118, 121, 123, 144, 148, 156, 161, 165, 170, 175, 178, 184, 189, 190, 191, 198, 204, 225, 226, 230, 231, 232, 234, 237, 248, 249, 250, 251, 258, 260, 264, 266, 271, 278, 286, 307, 308, 314, 317, 318, 325
Responsabilidade na educação 70

S

Significados 170, 174, 175, 176, 179, 217, 251, 254, 255, 256, 286, 288, 299, 309, 314
Sujeito crítico 17, 71, 108, 109, 110, 114
Supervisão educacional 135, 142

T

Tecnologias Digitais 49, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 95, 98, 99, 103, 104, 106, 268
Trabalho docente 14, 20, 25, 31, 47, 152

W

Webquest 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

